

## O PRÓXIMO PAPA E O FIM PRÓXIMO DO MUNDO: A PROFECIA DE SÃO MALAQUIAS

---

*Prof. Dr. Luis Alberto De Boni*  
PUCRS

Nos últimos séculos, a morte de um papa e a eleição de seu sucessor esteve geralmente acompanhada pela pergunta a respeito do fim do mundo. O motivo para tanto, dizia-se, eram as diversas ‘profecias’ existentes a respeito.

Conhecer o futuro foi sempre um desejo dos homens. A consulta aos profetas, aos arúspices e aos adivinhos marca a história das civilizações. Mesmo hoje, no mundo secularizado em que vivemos, o horóscopo, os búzios, as cartas – para não falar das aparições de santos e anjos, que ainda continuam acontecendo – aí estão para responder à pergunta sobre o que sucederá no tempo que está por vir. Entrementes, importantes órgãos da imprensa abrem espaço privilegiado para as “previsões do próximo ano”, que vão desde o anúncio de quem será o campeão mundial de futebol, até ao alerta sobre calamidades, a morte de pessoas famosas ou o resultado de eleições.

Não foi diferente no passado. No mundo cristão ocidental, sobredeterminado pela religião, esse tipo de profecia ocupou importante lugar, embora Cristo, no Evangelho, tenha dito que só Deus sabia o dia e a hora em que os fatos do fim do mundo haveriam de acontecer. Entre os séculos XIII e XVI, o ambiente apocalíptico que se respirava propiciou o surgimento de diversas previsões, montadas sobre a lista de sucessão entre os papas. Já antes, em final do século XII, o famoso abade calabrês Joaquim

de Fiore (+1202) havia anunciado uma nova era, na qual um *Papa angélico* haveria de governar a Igreja. Tal papa foi identificado por diversos movimentos religiosos do século XIII como sendo o monge Pietro Morrone, de vestes brancas, eleito papa com o nome de Celestino V e que seria o único a renunciar ao cargo. Inúmeras outras profecias referiam-se ao Papa angélico – ou *Pastor angélico* – que seria o último papa.

Nenhuma dessas profecias teve mais fama e foi mais debatida que a atribuída a São Malaquias, a qual encontrou defensores ainda no século XX e que, se verdadeira, estaria indicando que, de fato, o fim do mundo está próximo, pois haveria ainda dois papas: o que será eleito sucessor de João Paulo II e Pedro II, em cujo pontificado haveria a perseguição final da fé e o juízo universal. Como veremos, também essa suposta profecia menciona o *Pastor angélico*, mas não como o último pontífice, pois, após ele, haveria ainda seis outros.

### **A profecia de São Malaquias**

São Malaquias, ao que consta, nasceu em Armagh, na Irlanda, por volta de 1094, isto é, quatro anos depois de seu amigo e biógrafo, São Bernardo. Ordenado sacerdote em 1119, foi monge e abade da abadia de Bangor, localidade da qual se tornou bispo em 1124. Alguns anos depois, em 1132, tornou-se arcebispo de Armagh e primaz da Irlanda, apesar da oposição dos que recusavam reformas na Igreja daquela ilha. Renunciou em 1136, mas já em 1137 era bispo de Down. Enviado a Roma, como legado dos bispos irlandeses, recebeu do Papa Inocêncio II uma delegação especial de poderes para proceder à reforma do clero local e reorganizar a hierarquia. O respeito e a veneração por São Bernardo fizeram com que por duas vezes o procurasse, tendo morrido em Claraval, na segunda visita, em 1148.

Embora se tenha tornado um dos santos mais populares da Irlanda, jamais se soube que Malaquias houvesse escrito uma

profecia sobre os papas que haveriam de dirigir a Igreja até ao final dos tempos. Também são Bernardo, em sua hagiografia (*PL* 182, 1073-1118), embora se refira a ele como homem de espírito profético, não diz uma única palavra sobre a tal profecia, que foi conhecida somente em 1595. Nesse ano, um monge de Montecassino, flamengo, natural de Douai, chamado Arnaldo Wion, publicou em Veneza o livro intitulado *Lignum vitae – ornamentum et decus Ecclesiae* (Árvore da vida – Ornamento e decoro da Igreja), no qual são reservadas seis páginas para a referida profecia. O autor a apresenta com as seguintes palavras: “São Malaquias morreu em 2 de novembro de 1148. Possuímos três cartas de São Bernardo endereçadas a ele (as de número 313, 316 e 317). Diz-se que ele escreveu algumas obras, mas dele conheço apenas uma certa profecia (*quandam prophetiam*) sobre os soberanos pontífices. Como esse texto é curto e, pelo que sei, ainda não foi impresso, eu o reproduzo aqui para responder aos desejos de muitos”.

São, ao todo, 112 dísticos, claramente divididos em duas partes: os 74 primeiros, que se encerram com Urbano VII, morto em 1590, referem-se a cada papa aludindo ou à localidade de proveniência, ou ao nome de batismo, ou ao sobrenome, ou à linhagem, ou a cargo anterior à eleição, ou às armas da família. Os demais 38 dísticos são genéricos. Além disso, para a publicação, anexou-se aos primeiros uma explicação para facilitar a compreensão. Assim, por exemplo, Inocêncio III (Lotário Segni), cujo dístico é *Comes signatus* (Conde assinalado), vem acompanhado pela explicação: “Da família dos condes de Segni”. De seu sucessor, Honório III, *Canonicus de latere* (Cônego do lado), diz-se que fora anteriormente cônego de São João de Latrão. De Gregório IX, *Avis Ostiensis* (Ave de Óstia), que tinha sido cardeal de Óstia e que havia uma águia em seu escudo.

As explicações dos dísticos, anexadas por Wion, procedem, segundo ele, do espanhol Alonso Chacon (*Ciacconius* na forma latinizada do nome). Esse autor haveria de morrer em

Roma, como frade dominicano, em 1601, tendo escrito uma obra importante, intitulada *Vidas e histórias dos soberanos pontífices romanos e dos cardeais da santa Igreja Romana, desde o surgimento da Igreja até Clemente VIII*. Seis anos depois da publicação de Wion, Girolamo Giannini traduziu as profecias para o italiano e editou-as em Veneza, juntamente com outras obras do mesmo gênero.

### **As divisas papais**

Seguem-se as divisas indicadas a cada papa. Traduzimo-las para o português e colocamos o nome do papa correspondente. Deixamos de lado a explicação atribuída a Ciacconius.

1. *Ex castro Tiberis* (Do acampamento do Tibre - Celestino II). - 2. *Inimicus expulsus* ( Inimigo expulso - Lúcio II). - 3. *Ex magnitudine montis* (Da grandeza do monte - Eugênio III). - 4. *Abbas suburanus* (Abade suburano -Anastásio IV). - 5. *De rure albo* (Do campo branco - Adriano IV). - 6. *Ex tetro carcere* (Do cárcere tenebroso - Víctor IV, antipapa).- 7. *Via transtiberina* (Via do além-Tibre - Pasqual III, antipapa). - 8. *De Pannonia tuscia* (Da Panônia toscana - Calisto III, antipapa). - 9. *Ex ansere custode* (Do ganso de guarda - Alexandre III). - 10. *Lux in ostio* (Luz na porta - Lúcio III). - 11. *Sus in cribro* (Porco na joeira - Urbano III). - 12. *Ensis Laurentii* (Espada de Lourenço - Gregório VIII). - 13. *De schola exiet* (Procedente da escola - Clemente III). - 14. *De rure bovensi* (Da terra da família dos Bovenense - Celestino III). - 15. *Comes signatus* (Conde assinalado - Inocêncio III). - 16. *Canonicus ex Latere* (Cônego do Lado - Honório III). - 17. *Avis ostiensis* (Ave ostiense - Gregório IX). 18. *Leo sabinus* (Leão da região de Sabina - Celestino IV). - 19. *Comes Laurentius* (Dos condes Laurencianos - Inocêncio IV).- 20. *Signum ostiense* (Sinal ostiense - Alexandre IV). - 21. *Hierusalem Campaniae* (Jerusalém da Campânia - Urbano IV). - 22. *Draco depres-*

*sus* (Dragão oprimido - Clemente IV).- 23. *Anguineus vir* (Varão da serpente - Gregório X).- 24. *Concionator gallus* (pregador gaulês -Inocência V). – 25. *Bonus Comes* (Bom Conde - Adriano V). – 26. *Piscator tuscus* (Pescador etrusco - João XXI). 26. *Rosa composita* (Rosa ordenada - Nicolau III).- 28. *Ex telonio lilia-caei Martini* (Da banca lilás de impostos de Martinho - Martinho IV). – 29. *Ex rosa leonina* (Da rosa leonina - Honório IV). – 30. *Picus inter escas* (Piceno entre comidas - Nicolau IV). - 31. *Ex eremo celsus* (Celeste do eremo - Celestino V).- 32. *Ex undarum benedictione* (Bênção proveniente das ondas - Bonifácio VIII). – 33. *Concionator patareus* (Pregador de Patara - Bento XI). – 34. *De fasciis aquitanicis* (Dos feixes da Aquitânia - Clemente V).- 35. *De sutore osseo* (Do sapateiro ósseo - João XXII). – 36. *Corbus schismaticus* (Corvo cismático - Nicolau V, antipapa) – 37. *Frigidus abbas* (Abade frígido - Bento XII). - 38. *De rosa atrebatensi* (Da rosa de Artois - Clemente VI).- 39. *De montibus Pammachii* (Dos montes de Pamaco - Inocência VI).- 40. *Gallus vicecomes* (Vice-conde gaulês - Urbano V). - 41. *Novus de virgine forti* (Novo da virgem forte - Gregório XI) – 42. *De cruce apostolica* (Da cruz apostólica - Clemente VII, antipapa). – 43. *Luna cosmedina* (Lua de Cosmedin - Bento XIII, antipapa.) – 44. *Schisma Barcinonum* (Cisma de Barcelona - Clemente VIII, antipapa). - 45. *De inferno Praegnante* (Do inferno de Pregnano - Urbano VI). – 46. *Cubus de mixtione* (Cubo proveniente da mistura - Bonifácio IX). – 47. *De meliore sidere* (Da estrela melhor - Inocência VII). – 48. *Nauta de Ponte Nigro* (Nauta de Ponte Negra - Gregório XII). - 49. *Flagellum solis* (Flagelo do sol - Alexandre V, antipapa.) – 50. *Servus Sirenae* (Servo da sereia - João XXIII, antipapa). – 51. *Corona veli aurei* (Coroa do véu de ouro - Martinho V). – 52. *Lupa caelestina* (Loba celestina - Eugênio IV). - 53. *Amator crucis* (Amante da cruz - Félix V, antipapa). – 54. *De modicitate lunae* (Da modicidade da lua - Nicolau V). – 55. *Bos pascens* (Boi pastando - Calixto III). – 56. *De capra et albergo* (Da cabra e do albergue - Pio II). – 57. *De cervo et leone*

(Do cervo e do leão - Paulo II). – 58. *Piscator minorita* (Pescador menorita - Sixto IV). – 59. *Praecursor Siciliae* (Precursor da Sicília - Inocêncio VIII). – 60. *Bos albanus in portu* (Boi albano no porto - Alexandre VI). – 61. *De parvo homine* (Do homem pequeno - Pio III). – 62. *Fructus Iovis iuvabit* (O fruto de Júpiter ajudará - Júlio II). – 63. *De craticula politiana* (Das grelhas de Policiano - Leão X) – 64. *Leo florentinus* (Leão florentino - Adriano VI). – 65. *Flos pilae aegrae* (Flor da pela doente - Clemente VII). – 66. *Hyacinthus medicorum* (Jacinto dos médicos - Paulo III). – 67. *De corona Montana* (Da coroa do monte - Júlio III). – 68. *Fruentum flacidum* (Trigo flácido - Marcelo II). – 69. *De fide Petri* (Da fé de Pedro - Paulo IV). – 70. *Esculapii pharmacum* (Medicamento de Esculápio - Pio IV). – 71. *Angelus nemorosus* (Anjo frondoso - São Pio V). 72. *Medium corpus pilorum* (Meio corpo das peles - Gregório III). – 73. *Axis in medieta-te signi* (Machado no meio da insígnia - Sixto V). – 74. *De rore caeli* (Do orvalho do céu - Urbano VII).

Daqui em diante, os dísticos se referem a papas que foram eleitos depois de 1590. Logicamente, não houve explicação do dístico por parte de quem quer que seja. Dizem eles: 75. *De antiquitate urbis* (Da antigüidade da cidade - Gregório XIV). – 76. *Pia civitas in bello* (Cidade piedosa na guerra - Inocêncio IX). – 77. *Crux Romulae* (Cruz de Rômula - Clemente VIII). – 78. *Undosus vir* (Varão ondulado - Leão XI). – 79. *Gens perversa* (Povo perverso - Paulo V). – 80. *In tribulatione pacis* (Na tribulação da paz - Gregório XV). – 81. *Lilium et rosa* (Lírio e rosa - Urbano VIII). – 82. *Iucunditas crucis* (Jucundidade da cruz - Inocêncio X). – 83. *Montium custos* (Guarda dos montes - Alexandre VII). – 84. *Sidus olororum* (Estrela dos perfumes - Clemente IX). – 85. *De flumine magno* (Do grande rio - Clemente X). – 86. *Bellua insatiabilis* (Fera insaciável – Inocêncio XI). – 87. *Poenitentia gloriosa* (Penitência gloriosa - Alexandre VIII). – 88. *Rastrum in porta* (Grade na porta - Inocêncio XII). – 89. *Flores circumdati* (Flores do circundado - Clemente XI). – 90. *De bona re-*

*ligione* (Da boa religião - Inocência XIII). – 91. *Miles in bello* (Soldado na guerra - Bento XIII). – 92. *Columna excelsa* (Coluna excelsa - Clemente XII). – 93. *Animal rurale* (Animal rural - Bento XIV). – 94. *Rosa umbria* (Rosa da Úmbria - Clemente XI-II). – 95. *Ursus velox* (Urso veloz - Clemente XIV). – 96. *Peregrinus apostolicus* (Peregrino apostólico - Pio VI). – 97. *Aquila rapax* (Águia rapaz - Pio VII). – 98. *Canis et coluber* (Cão e serpente - Leão XII). – 99. *Vir religiosus* (Varão religioso - Pio VII-I). – 100. *De balneis Etruriae* (Dos banhos da Etrúria - Gregório XVI). – 101. *Crux de cruce* (Cruz da cruz - Pio IX). – 102. *Lumen in caelo* (Luz no céu - Leão XIII). – 103. *Ignis ardens* (Fogo ardente - São Pio X). – 104. *Religio depopulata* (Religião despovoada - Bento XV). – 105. *Fides intrepida* (Fé intrépida - Pio XI). – 106. *Pastor angelicus* (Pastor angélico - Pio XII). – 107. *Pastor et nauta* (Pastor e nauta - João XXIII). – 108. *Flos florum* (Flor das flores - Paulo VI) – 109. *De medietate lunae* (Da meia-lua - João Paulo I). – 110. *De labore solis* (Do trabalho do sol - João Paulo II). – 111. *De gloria olivae* (Da glória da oliveira – Próximo papa). – 112. *In persecutione extrema sacrae romanae Ecclesiae, sedebit Petrus Romanus, qui pascet oves in multis tribulationibus, quibus transactis, civitas septicolis diruetur, et Iudex tremendus iudicabit populum.* (Na última perseguição da santa Igreja Romana, Pedro romano será o papa que apascentará as ovelhas no meio de muitas tribulações, findas as quais, a cidade das sete colinas [Roma] será destruída e o Juiz tremendo julgará o povo).

### **As dúvidas sobre a autenticidade**

Desde a publicação, as profecias de são Malaquias provocaram dúvidas quanto à autenticidade. Os primeiros que se manifestaram parecem ter sido o franciscano conventual François Carrière (1602), com a *Historia chronologica pontificum Romanorum*, e o cisterciense Manríquez, em 1642. A crítica mais

completa e bem fundamentada deve-se ao jesuíta francês Cláudio Menestier (1663), cuja obra *Refutação das profecias falsamente atribuídas a São Malaquias sobre as eleições dos papas* tornou-se leitura obrigatória em todos os debates que se seguiriam. Foi ele o primeiro a atribuir as profecias à tentativa de influir na eleição do papa, no conclave que elegeu Gregório XIV.

As principais objeções que se levantam são aqui enumeradas:

1. Arnaldo Wion é o primeiro a falar de “uma certa profecia”. Por que não contou como chegou até ele tal manuscrito? Por que não informou onde encontrou o texto original ou a cópia que lhe veio às mãos?

2. O primeiro papa anunciado é Celestino II, eleito em 1143, o que significa que a profecia teria sido anterior a esta data. Ora, entre a eleição de Celestino II e a publicação da profecia, em 1595, transcorreram 452 anos, durante os quais jamais se ouviu falar da existência dela. São Bernardo, por exemplo, ao redigir a vida de Malaquias, já teria visto realizar-se a profecia na eleição de três papas, o último dos quais, Eugênio III, fora monge de sua abadia. É difícil supor que Bernardo não tivesse conhecimento de tal obra, se ela então existia.

3. O texto dos dísticos e a explicação que o acompanha parecem ter sido feitos pela mesma mão, pois um casa muito bem com o outro e quem escolheu o dístico já sabia de antemão qual a explicação que haveria de dar a ele. É de suspeitar que os dois provenham, pois, do próprio Wion. Para alguns, porém, Wion não agiu de má-fé, mas teria sido ingênuo ao aceitar como proveniente de Malaquias o que era trapaça de sua época, arquitetada por A. Ciacconius ou, como querem outros, por Afonso Ceccarelli, historiador italiano pouco escrupuloso.

4. O autor da ‘profecia’, mais que um irlandês, parece ser um italiano, ou alguém que conhece muito bem o italiano. Assim, por exemplo, a Lúcio II (1144-1145) cabe o dístico *Inimicus expulsus* (Inimigo expulso), o que corresponde a seu nome de

família: *Caccianemici*; a Alexandre III (1159-1181) o de *Ex anseres custodio* (Do ganso de guarda), o que é novamente tomado do nome italiano da família: *Paparo*, que significa ganso. Pio III é indicado como *De parvo homine* (Do homem pequeno), que corresponde ao nome italiano *Piccolomini*.

5. Estranho que Malaquias, vivendo na Irlanda, em pleno século XII, tenha adotado para alguns papas dísticos do Renascimento. Um santo, proveniente de um mundo onde o paganismo era considerado como um perigo não muito distante, resolveu apelar para Júpiter, o ‘jacinto dos médicos’, e Esculápio, ao tratar dos renascentistas Júlio II (1503-1513), Paulo III (1534-1549) e Pio IV (1559-1565). Aliás, Júlio II, da família *Della Rovere*, exige uma acrobacia mental: o carvalho, que é a árvore de Júpiter, chama-se *rovere* em italiano (*robur* em latim), e novamente o santo irlandês, além de renascentista, estaria dando uma de poliglota.

6. Os primeiros 74 dísticos permitem uma indicação precisa do papa (ou antipapa) a quem se referem, embora em alguns casos pareçam ingênuos ou mirabolantes. Além dos exemplos já mencionados, podemos tomar outros: o Papa Clemente III é indicado como *De schola exiet* (proveniente da escola): ele pertencia à família *Scolari* [já naquele tempo!]. Urbano IV é indicado como *Hierusalem Campaniae* (Jerusalém da Campanha): ele era nascido em Troyes, na Champagne, e foi patriarca de Jerusalém; Inocêncio V é o *Concionator gallus* (Gaulês pregador): nascido na França e pertencente à Ordem dos pregadores, isto é, dos dominicanos; Sisto IV é *Menorita piscator*: frade menor (franciscano) filho de pescadores; João XXII vem anunciado como *De sutore osseo* (Filho do sapateiro ósseo): filho de sapateiro, da família *Ossa*; Gregório XI é o *Novus de virgine forti* (Novo da virgem forte): era da família *Belfort* e foi cardeal do título de Santa Maria nova; Gregório XII é chamado de *Nauta de ponte nigro* (Nauta da ponte negra): era vêneto e foi comendador da Igreja de Negroponte.

Quando, porém, surgem os últimos 38 dísticos, cai-se em generalidades, por vezes difíceis de serem aplicadas, geralmente, porém, aplicáveis a muitos. Assim, por exemplo, Leão XI é o *Undosus vir* (Homem onduloso, da onda) e explica-se então que, ao se dirigir para tomar posse em São João do Latrão, sofreu uma crise de suor (e aí se aplica, de forma arbitrária, a palavra ‘onda’) e depois de calafrios e acabou morrendo. O Papa Inocêncio XI, beatificado por Pio XII, é anunciado como *Bellua insatiabilis* (Fera insaciável) e, para justificar tal dístico, diz-se que se refere ao orgulho e à luxúria de Luís XIV, que reinou na França naqueles tempos e que se opôs à eleição de Inocêncio. Ao Papa Bento XIV, o maior pontífice do século XVIII, grande jurista, o homem que escreveu a Voltaire e a outros iluministas, convidando-os a irem a Roma para tratar da reforma da Igreja, cabe o título *Animal rurale* (Animal do campo): como não se encontrou nada em sua vida, na família, nas armas, etc., que combinasse com tal denominação, aventou-se então que os 14 volumes in-fólio de suas obras eram como que “trabalho de um boi”. Clemente XIV é o *Ursus velox* (Urso veloz): este foi o célebre papa franciscano Giovanni Ganganelli, tão celebrado pelos iluministas e até ontem pelos maçons, por haver suprimido a Companhia de Jesus, através da bula *Dominus ac Redemptor*, de 21.7.1773. Também ele não tem nada a ver com o urso veloz que lhe aplicaram. Do mesmo modo o *Canis et coluber* (Cão e serpente) de Leão XII e o *De balneis Etruriae* (Dos banhos da Etrúria) do monge belunês Gregório XVI ficam esperando por explicação.

Alguns dísticos, porém, parecem caber perfeitamente a alguns papas. Assim: *Peregrinus apostolicus* (Peregrino apostólico) a Pio VI, que foi a Viena para tratar com José II a respeito dos direitos da Igreja, e, preso do Diretório, faleceu na prisão; *Aquila rapax* (Águia rapaz) a Pio VII, preso por Napoleão; *Cruz de cruce* (Cruz da cruz) a Pio IX, atingido pela unificação da Itália através da Casa de Sabóia que tinha uma cruz no escudo de armas; *Lumen in caelo* (Luz no céu) indicando a sabedoria de

Leão XIII que, aliás, tinha uma estrela em seu escudo de armas; *Ignis ardens* (Fogo ardente) para a caridade ardente de São Pio X; *Religio depopulata* (Religião despovoada) para Bento XV, que assistiu aos horrores da Primeira Guerra Mundial; *Fides intrépida* (Fé intrépida) como característica de Pio XI, o papa que enfrentou Hitler e Mussolini. A respeito desses dísticos cabe observar que diversos deles referem-se a acontecimentos históricos, algo que foi solenemente ignorado nas primeiras 74 indicações. Assim, por exemplo, a tomada de Constantinopla pelos cruzados, no pontificado de Inocêncio III; a prisão de Bonifácio VIII por Filipe, o Belo; a excomunhão de Lutero por Leão X, a convocação do Concílio de Trento por Paulo III; a vitória da armada cristã sobre os turcos em Lepanto, no pontificado de Pio V, foram solenemente ignoradas por São Malaquias que, depois de 1590, começou a interessar-se também por tal tipo de fatos. Quanto a Leão X, aliás, cabe uma observação a mais. Este papa, que se chamava Giovanni Medici, filho de Lourenço, o Magnífico, é apresentado com o dístico *De craticula politiana* (Da grelha de Policiano). Explicação: São Lourenço tem por símbolo a grelha e Giovanni foi aluno do renascentista Policiano. Convenhamos que Malaquias profetizava de modo difícil. Teria sido bem mais fácil, ante o fato da cisão da fé com a Reforma protestante, se tivesse caracterizado esse papa como *Fides divisa* (Fé dividida) ou, talvez, melhor ainda, já que o sumo pontífice foi um grande renascentista, como *Fulmen Iovis contra haereticos* (Raio de Júpiter contra os hereges), devido às bulas *Exsurge Domine* e *Decet Romanum Pontificem*, pelas quais separou Lutero da comunhão da Igreja e tornou irreversível a Reforma.

Além do mais, estes 38 dísticos posteriores podem ser intercambiados. Assim, por exemplo, o Papa João Paulo II, recém-falecido, poderia ser chamado de Peregrino apostólico, Águia rapaz, Homem piedoso, Cruz da cruz, Luz no céu, Fogo ardente, Religião despovoada (devido à crise de fé no mundo capitalista), Fé intrépida (enfrentando o comunismo e os Estados Unidos),

Pastor Angélico, Pastor e nauta, Da metade da lua (pois vem do Oriente europeu). Caberia a ele até mesmo Urso veloz, devido à sua proveniência de um país frio e à quantidade de viagens que fez. Aliás, a qual dos papas dos séculos XIX e XX não caberia o título de Homem piedoso, Pastor angélico, Cruz da cruz, ou Fé ardente?

A respeito de alguns papas mais recentes, aliás, nem seria necessário são Malaquias, bastaria um assessor dele, para criar um dístico bem mais adaptado e que dispensasse malabarismos explicativos. No espírito das 74 descrições iniciais, o Papa Bento XV (Giacomo della Chiesa – [Tiago da Igreja]) poderia receber uma designação soando algo assim como *Apostolus ecclesiasticus*. Do mesmo modo, o Eugênio [Bem-nascido] Pacelli [Paz do céu] de Pio XII, caso o poliglota Malaquias conhecesse também o grego, soaria como *Ex pace siderea bene natus*.

7. Outra crítica feita ao texto é a de que cita tanto os papas como os antipapas, o que seria de estranhar na pena de um santo que foi tão devotado à Igreja romana e ao papa.

### **A origem e a causa da trapaça**

O autor das falsificações, como constataram os estudiosos, valeu-se de uma obra bem conhecida em seu tempo, *Epitome Pontificum Romanorum*, de Onofre Panvinio, encarregado pelo Papa Paulo IV de completar a *História dos papas* de Platina. No *Epitome* encontravam-se todos os dados dos papas, como procedência, família, armas, de que título fora cardeal, e tudo o mais que se poderia esperar para montar a profecia. O falsificador foi tão fiel a Panvinio, a ponto de tomar dele todos os nomes dos antipapas e, mais ainda, a ponto de cometer os mesmos erros históricos, como no caso de Eugênio IV (1431-1447). Na profecia este papa é tratado como *Lupa celestina* (Loba celestina), o que é explicado com as palavras: “Vêneto, antes cônego regular celestiniano e bispo de Siena”. É o que consta também no *Epi-*

*tome* de Panvinio. Acontece, porém, que, em verdade, Eugênio IV, que foi de fato bispo de Siena, era monge agostiniano e não celestiniano.

Aceitando o que já fora aventado pelo padre C. Menestier, o luterano A. v. Harnack julgou que o texto atribuído a Malacuas foi elaborado durante o conclave de 80 dias que se seguiu à morte do Papa Urbano VII, em 1590. Entre os candidatos encontrava-se o cardeal Simoncelli, de Orvieto, e seus partidários, ao comporem a lista da profecia, colocaram como dístico do próximo papa *De antiquitate urbis* (Da antiguidade da cidade, isto é, de Orvieto [*urbs vetus*]). Na eleição, porém, foi escolhido o cardeal Niccolò Sfrondati, de Milão, que tomou o nome de Gregório XIV, e não Simoncelli. O jesuíta H. Thurston concorda que o nome de Simoncelli era o visado pelo dístico, mas corrige a data. Examinando a documentação sobre o conclave, ele constatou que naquele momento Simoncelli não era candidato forte. Por isso, Thurston tomou o documento, não como peça feita para um conclave que estava acontecendo, mas redigido, por volta de 1585, em vista de um futuro conclave. O autor do documento teria apostado em nomes de personagens importantes da cúria romana, alguns dos quais ainda não eram cardeais. Em primeiro lugar, colocou o cardeal Giambattista Castagna (*De rore caeli* – Do orvalho do céu), arcebispo de Rosssano, na Calábria, fortemente cotado e que acabou eleito, cinco anos depois, com o nome de Urbano VII. Seu pontificado, porém, durou apenas 12 dias (15-27.9.1590), vindo o papa a morrer de malária. Daí em diante, os nomes não combinam mais com os eleitos, e o falsificador deixou de explicar os dísticos. Em segundo lugar, estava Simoncelli, mas o eleito acabou sendo o cardeal Niccolò Sfrondati, como vimos. Porém, seu pontificado também foi curto (5.12.1590-16.10.1591). O terceiro da lista, que só seria cardeal mais tarde, era o jesuíta Roberto Bellarmino, a quem foi reservada a epígrafe *Pia civitas in bello* (Cidade piedosa na guerra), mas o eleito foi o cardeal Antonio Facchinetti, que tomou o nome de Inocêncio IX

e teve também um curto pontificado (29.10-30.12.1591). O dístico seguinte foi reservado ao cardeal Santacroce (*Crux Romulea* – Cruz de Rômula), mas acabou sendo eleito o cardeal Ippolito Aldobrandini, com o nome de Clemente VIII. Seu governo durou de 30.01.1592 a 5.3.1605. Como a publicação da lista dos papas por Wion aconteceu em 1595, até à eleição de Clemente VIII foi possível colocar o nome do papa após o dístico. Depois, só permaneceu o dístico. O papa seguinte deveria ser o cardeal Baronio (*barão = vir*), o *Undosus vir*, do qual já tratamos, mas o eleito foi o cardeal Alessandro dei Medici, com o nome de Leão XI, também ele, aliás, com um curto pontificado de 27 dias.

### À guisa de conclusão

Conta-se que no século XVII alguém escreveu um livro, prevendo a data exata do fim do mundo, que seria, digamos, o dia 21 de outubro de 1625. Como se exigia então, solicitou da Igreja o *imprimatur*, a autorização para imprimir a obra, mas o bispo local não se atreveu a concedê-lo. O mesmo fez um sínodo regional de bispos. O caso foi parar então em mãos do papa. Este, após cientificar-se do que se tratava, deu o seguinte despacho: “Imprima-se após o dia 22 de outubro de 1625”.

### Referências

Anônimo. “Profecia de san Malaquias”. In *Espasa-Calpe*, ed. 1994, vol. 47, col. 788-796.

Anônimo. “Profecia de san Malaquias” In *Enciclopedia RIALP*, vol. 14, 1984, p. 789-791.

Bitencourt, E. “As profecias ditas de são Malaquias são aprovadas pela Igreja?” *Pergunte e responderemos* 14 (1959), p. 80-84.

Crestani, L. “Que faut-il penser de la prophétie des papes dite de s. Malachie?”. *L’ami du clergé* 60 (1951), p. 631-634.

Harnack, A. "Über den Verfasser und Zweck der Prophetie Malachiae". *Zeitschrift für Kirchengeschichte* 3 (1879), p. 315-324.

Thurston, P. "The socalled Prophecy and the Popes". In *The War and the Prophets*. London, 1915, p. 120-161.

Vacandard, E. "La prophétie de Malachie sur la succession des papes". *Revue Apologétique* 33 (1921-22), p. 657-72.